

35° Encontro Anual da Anpocs

GT23 - Novos modelos comparativos: investigações sobre coletivos afro-indígenas

Os Aparai, Wayana meridionais e os *meikoro*: domesticando cães, espingardas e pessoas

Gabriel Coutinho Barbosa
(Depto. de Antropologia/UFSC)

Entre o final do século XVII e início do XVIII, houve uma imigração maciça de escravos negros fugidos das plantações de cana-e-açúcar da então Guiana Holandesa para as florestas ao sul. Lá, eles constituíram grandes organizações tribais, dividindo-se em três grupos maiores e rivais, os Boni (ou Aluku), Ndjuka e Saramaká. Na literatura, esses grupos são conhecidos e designados como os “negros das florestas”, isto é, *Bosch Negroes*, em holandês; *Bush Negroes*, em inglês e *Noir Marrons*, em francês. Muitos ameríndios, dentre os quais, os Aparai e Wayana, chamam-nos genericamente de *meikoro*, embora reconheçam suas diferenças.

Os *meikoro* tiveram um papel determinante na reconfiguração das redes de relações e intercâmbios guianenses, sobretudo, na porção oriental, a partir da segunda metade do século XVIII. Após um período inicial de guerras entre si, com os colonizadores europeus e com grupos ameríndios, os *meikoro* passaram a ocupar posições privilegiadas de intermédio, controlando os fluxos de bens entre os postos coloniais costeiros e os grupos ameríndios situados no interior. Dentre a enorme variedade de artigos indígenas e europeus em circulação, já constavam cães de caça e espingardas.

Ao relatar suas viagens pela porção oriental das Guianas entre 1876-79, o viajante e explorador francês Jules Crevaux refere-se, em diversas passagens, à disposição dos “Noir Marrons” em percorrer longas distâncias a partir dos rios Maroni e Tapanahoni para adquirir cães e outros artigos dos Wajãpi, Wayana, Upurui e “Roucouyennes” nos rios Litani, Oiapoque, Jari e Paru de Leste (Crevaux, 1987:83, 133, 203, 232, 264, 303-304). Para ilustrar a circulação freqüente e extensa dos bens entre ameríndios e com não-índios na região, o autor menciona ter reencontrado nas mãos do chefe de uma aldeia no rio Paru de Leste a faca que entregara um ano antes a um índio no rio Jari. Este teria se desfeito da faca, algum tempo após recebê-la de Crevaux, trocando-a por um cão e uma rede de dormir (idem:288).

É bem possível que os cães já fossem intercambiados pelos ameríndios guianenses entre si. De qualquer forma, o interesse dos *meikoro* por esses animais e sua disposição em trocá-los por artigos europeus bastante cobiçados, como miçangas, ferramentas de metal e espingardas, estimularam sua circulação pela região. Sendo assim, como vários outros artigos — manufaturados indígenas, artigos europeus, matérias-primas e especiarias da floresta —, esses cães foram veiculados pelas longas cadeias de

intermédio que se estenderam da bacia do rio Trombetas aos rios Jari e Oiapoque, entre o final do século XVIII e meados do XX.

Chamados de “Roucouyennes” pelas fontes historiográficas, os Wayana setentrionais, que ocupam até hoje as bacias dos altos rios Litani, Paloemeu e seus afluentes, eram os principais parceiros comerciais dos Boni e Ndjuka. Além de criar parte dos cães que forneciam aos *meikoro*, eles adquiriam-nos dos Tiriyó, na bacia do rio Tapanahoni, e dos Wayana meridionais, que habitavam os rios Jari e Paru de Leste. Por sua vez, os Tiriyó buscavam esses cães com os Waiwai, no rio Trombetas; enquanto os Wayana meridionais obtinham-nos dos Aparai, nos rios Paru de Leste, Maicuru e Jari, assim como dos Wajãpi, nos rios Jari e Cuc. E estes últimos conseguiam cães com os Wajãpi-puku, no rio Amapari (Gallois, 1986:196-197, 213). Obviamente, nem sempre os fluxos de cães seguiam à risca essas cadeias de intermédio. Conforme as circunstâncias, era possível estabelecer uma transação direta com os Boni, Ndjuka e “Roucouyennes”, sem passar necessariamente pelos demais intermediários.

Segundo Coudreau, no final do século XIX, os Boni buscavam cães de caça e muitos outros artigos dos Wayana para, depois, vendê-los em Caiena e outras cidades da Guiana Francesa com enorme margem de lucro. Os Boni adiantavam os artigos industrializados aos Wayana por até um ano, aguardando que eles obtivessem os artigos devidos dos Aparai, Wajãpi e outros grupos (Coudreau, 1893:152, 262 *apud* Gallois, 1986:199).

No início do século XX, os cães de caça seriam um dos mais importantes artigos de troca fornecidos pelos Tiriyó. Eles criavam e adestravam esses animais com o máximo de cuidado, fornecendo-os não só para seus vizinhos mais próximos, os Ndjuka, como para os Boni, por intermédio dos Wayana, nos rios Paru de Leste e Jari (Herderschee, 1905 *apud* Roth, 1974:164).

Entre as décadas de 1940-60, o geógrafo francês Jean Hurault observou que os Wayana no rio Maroni criavam muitos cães destinados à caça e, sobretudo, à “venda” [sic]. Essa era uma das principais fontes de recurso para os Wayana, principalmente, para aqueles que não tinham como se engajar em serviços remunerados, como a construção e condução de canoas, trabalhos intermitentes no garimpo de Benzdorp (Hurault, 1968:06-07).

Até o final dos anos 1960, os Boni faziam longas incursões pelos alto e médio Paru de Leste, chegando até o rio Citaré, para adquirir cães e outros artigos indígenas dos Wayana e, eventualmente, dos Aparai

Ocupando os baixos e médios rios Maicuru e Paru de Leste, os Aparai já mantinham contatos e intercâmbios esporádicos com os *karaiwa* (não-índios brasileiros), no final do século XVIII (Crevaux, 1987:328, 331). Contudo, eles ainda dependiam do intermédio dos Wayana situados nos altos Paru de Leste e Jari para adquirir a maior parte dos bens industrializados, que eram trazidos pelos *meikoro*. Estes desciam o rio Paru de Leste até a boca do rio Citaré, que representava justamente o limite norte da área de ocupação dos Aparai.

As relações dos Aparai com os *karaiwa* se intensificaram apenas no final do século XIX, com o avanço das frentes extrativistas de castanheiros, balateiros, gateiros e garimpeiros, provenientes da margem norte do rio Amazonas (analisadas no próximo capítulo). Inicialmente, não houve prejuízo para as transações com os *meikoro* ao norte. Pelo contrário, os Aparai e Wayana no rio Paru de Leste puderam usufruir, por algum tempo, dos dois canais para obter artigos industrializados. Todavia, ao longo do século XX, as relações com os *meikoro* passaram a ser preteridas em favor da prestação de serviços e intercâmbios com essas frentes extrativistas. Por fim, os intercâmbios com os *meikoro* sofreram um duro golpe com a instalação de um destacamento da FAB na aldeia Apalaí, entre 1969-73. Desde então, o governo brasileiro, por meio da FAB, Funai e Polícia Federal proíbe a entrada dos *meikoro* provenientes do Suriname em território brasileiro, o que é muito criticado pelos Aparai e Wayana meridionais.

Taxas de intercâmbio e assimetrias

De acordo com os autores que trataram do tema, o caráter assimétrico dessas transações estava baseado, entre outras coisas, no fato dos fornecedores de artigos industrializados estabelecerem as taxas de intercâmbio com alguma margem de lucro a seu favor. No final do século XIX, os Wayana adquiriam cães dos Tiriyo e Wajãpi e os repassavam aos Boni por dois francos cada. Os Boni, por sua vez, vendiam os mesmos cães a 150 francos (Coudreau, 1893:152, 262 *apud* Gallois, 1986:199). Mais recentemente, em meados do século XX, Jean Hurault (1968:06-07) observou que os

cães criados para caçar porcos-do-mato eram “comprados” [sic] por 150 francos e revendidos no litoral por mais de 400 francos.

As proporções de intercâmbio vigentes nas recentes transações ocorridas no alto rio Paloemeu foram estabelecidas previamente por Tombai e apenas comunicadas aos Aparai e Wayana pelo rádio. São elas: uma espingarda de qualquer calibre para cada cachorro e um rifle para três cães. À primeira vista, esta última parece não ter sido observada quando Jusarte recebeu um rifle por um de seus cães. Todavia, como já foi dito, Tombai entregou aquele rifle apenas como garantia de que trará, em sua próxima vinda, a espingarda devida para Jusarte, tomando o rifle de volta. De qualquer forma, não parece haver muita margem para negociação, pelo menos, da parte dos Aparai e Wayana. Estes podem, no máximo, escolher uns e outros artigos entre opções limitadas. Foi o que aconteceu com Manoel Ladino que, tendo crédito relativo a um cão entregue no encontro anterior, preferiu receber alguns objetos industrializados ao invés de uma outra espingarda.

Muito provavelmente, essas proporções de intercâmbio estão baseadas nos custos — em esforço, tempo e despesas — de Tombai para adquirir as armas de fogo e demais artigos industrializados, assim como no valor pelo qual ele consegue passar os cães adiante e no lucro auferido nessas transações.

Os Aparai e Wayana que habitam o rio Paru de Leste não sabem ao certo como Tombai consegue as espingardas e os outros artigos que lhes são fornecidos. Isto é, se estes são obtidos à vista ou como adiantamentos de comerciantes de Maripassoula e outras cidades no Suriname, de outros intermediários ou mesmo diretamente daqueles que encomendam os cachorros levados do rio Paru de Leste. Entretanto, os Aparai e Wayana têm alguma idéia acerca do destino de seus cães. Ao que parece, estes são levados por ele rio Paloemeu abaixo e repassados a sua clientela, formada por outros Boni, alguns Ndjuka, Saramaká e mesmo euro-americanos de aldeias e vilarejos ao longo dos rios Tapanahoni, Maroni e seus afluentes.

Em suma, Tombai participa como intermediário de uma extensa cadeia de intercâmbio que tem, numa das extremidades, os Aparai, Wayana, Tiriyo e Kaxuyana que habitam os rios Paru de Leste e Paru de Oeste; na outra, outros Boni, Ndjuka e não-índios do Suriname e Guiana Francesa. Além de Tombai, outros parecem desempenhar papel semelhante, como Junêh, Creonte e o próprio Manoel Ladino.

Porém, a principal diferença entre estes é que Tombai obtém lucro das transações e Junëh seria remunerado por ele pelos serviços prestados, ao passo que Creonte e Manoel Ladino não obtêm lucro ou ganho ao intermediar os intercâmbios dos demais Aparai e Wayana com Tombai. Dos jovens que ele acompanhou até o encontro com Tombai, Manoel Ladino apenas exigiu que eles fornecessem parte dos duzentos litros de combustível necessários à viagem.

Por fim, cumpre notar, nesse sentido, que os Aparai e Wayana consideram Junëh “amigo” ou parceiro de troca de Tombai, *-epe* ou *pãna*^(ap)/*pawana*^(wy), e não seu “empregado” ou subordinado, *poeto*^(ap)/*peito*^(wy).

Nessas transações, a confiança é mútua. Pois, da mesma forma que os Aparai e Wayana acreditam que o *meikoro* trará as devidas contraprestações pelos cães adiantados (vide o caso de Manoel Ladino, Indalécio e Jusarte), o *meikoro* aceita os cães, convicto de que estes prestam realmente à caça, sobretudo, de porcos-do-mato. Devido à brevidade dos encontros, não há como testar os cães e as espingardas. Qualquer aborrecimento só poderá ser reportado por radiofonia após alguns dias e reparado num próximo encontro, meses depois. A devolução de um cão preguiçoso ou inapto à caça, bem como de uma espingarda defeituosa não está descartada. Todavia, o que parece realmente constranger tanto os Aparai e Wayana, quanto o *meikoro*, são os prejuízos materiais e morais que a pessoa provavelmente teria em caso de agir de maneira artil e desonesta. Além de uma possível retaliação, ela não só encerraria um importante canal de intercâmbio, como teria sua reputação manchada, dificultando o estabelecimento de relações alhures. Pois, os desdobramentos de cada um desses encontros e transações com Tombai, nas cabeceiras do rio Paloemeu, são rapidamente divulgados e comentados pelo sistema de radiofonia entre as aldeias no rio Paru de Leste, Paru de Oeste, Paloemeu e Litani.

As parcerias interpessoais de troca

Embora a relação de parceira interpessoal de troca guianense já tenha sido analisada noutra ocasião (Barbosa, 2002), convém retomar alguns aspectos seus, pois é justamente com base nelas que se dão os intercâmbios passados e atuais com os *meikoro*.

Os Aparai e Wayana que habitam o rio Paru de Leste buscam estabelecer essas parcerias de troca com aqueles com os quais não possuem vínculo consanguíneo ou afim

relevante e que habitam lugares distantes, como cidades ou aldeias situadas em outros eixos fluviais. É o caso dos Tiriyo e Kaxuyana que se distribuem nos rios Paru de Oeste e Marapi (Brasil), Tapanahoni e Paloemeu (Suriname); de alguns Wayana que se encontram nos rios Tapanahoni e Paloemeu (Suriname), Maroni e afluentes (Guiana Francesa); bem como dos Boni e Ndjuka, além de segmentos da população regional não-indígena (balateiros e garimpeiros, entre outros).

Amplamente praticada pelas populações da região, essas parcerias fornecem o modelo às demais formas de intercâmbio e relacionamento interpessoal amistoso. Assumindo formatos pouco variados de um grupo para outro, trata-se de uma relação voluntária, recíproca e exclusiva entre duas pessoas socialmente distantes, concebida como uma díade simétrica. Fundadas num ideal de conduta para com o outro, essas parcerias baseiam-se numa ética do comedimento e, principalmente, da generosidade entre os parceiros. Seguindo esse ideal de conduta generosa, os parceiros devem solicitar, dar, receber e retribuir tanto bens, como hospitalidade, serviços, visitas e gentilezas um ao outro.

Por ora, convém prosseguir a análise da relação de parceria interpessoal de troca, *pana*^(ap)/*pawana*^(wy), atentando para concepções e valores a ela associados.

O ideal de conduta *kurano*^(ap)/*ipokan*^(wy)

Tudo aquilo que os Aparai e Wayana consideram apropriado à boa convivência qualificado pelos adjetivos *kurano*^(ap)/*ipokan*^(wy), desde o idioma, a música, a tecnologia e a ornamentação corporal até valores morais, etiquetas e sentimentos (ver van Velthem, 2003:219-220). Para os Waiwai, essas mesmas concepções positivas sobre a convivialidade integram um “código de conduta” chamado *tawake* (Howard, 2001:251). Resumidamente, trata-se de um modelo de conduta, uma etiqueta que apregoa a igualdade, o prazer e a autonomia pessoal, a convivência harmônica e a pacificidade, bem como a generosidade e o comedimento.

Nesse sentido, destacam-se relatos e comentários dos Aparai e Wayana sobre as relações entre si e com outros povos, descritas como processos, passados ou ainda em curso, de pacificação em cadeia de um grupo pelo outro. Esses processos são designados pelos verbos *ekurema*^(ap)/*tëpamnehe*^(wa), que os Aparai e Wayana costumam traduzir como “amansar(-se)”, referindo-se tanto à pacificação recíproca de outros povos, como à

domesticação de animais (ver adiante). Segundo esses relatos, os Aparai pacificaram os Wayana e, depois, os *karaiwa*. Por sua vez, os Wayana pacificaram os Boni e os Tiryó. Estes últimos pacificaram os Kaxuyana, que estão pacificando os Akurió e Kaikuxiyana, e assim por diante. Apesar de suas diferenças, todos esses relatos apresentam o mesmo enredo: dada uma situação inicial de guerra, um dos grupos resolve aproximar-se do outro, ocasionando a oferta e degustação de comida, a beberagem de caxiri, a troca de presentes e a promessa de encontros futuros. Inicia-se, dessa forma, o intercâmbio intenso de bens entre eles e, em alguns casos, cônjuges, culminando em intercasamentos, como os que se dão, há mais cem anos, entre os Aparai e Wayana, na bacia do rio Paru de Leste.

Para se compreender o sentido dessa pacificação (ou o “amansar”) a que se referem os Aparai e Wayana, cabe examinar brevemente a prática de pintar-se com urucum. Até recentemente, a pintura corporal à base de urucum era muito usada pelos Wayana, a ponto dessa população ficar conhecida, na literatura dos séculos XVIII e XIX, por *Roucuyennes* ou *Roucuyen* (de *rocou*, “urucum”, em francês), Urucuiana ou Rucuiana. Ao analisar o sistema de cores wayana, van Velthem (2003) atenta que as cores branco *karimutumano*^(ap)/*koroke*^(wy), vermelho *kamirarame*^(ap)/*pire*^(wy) e negro *xinukutume*^(ap)/*tariri*^(wy) formam um código classificador básico, aplicado a domínios diversos, como a ordenação zoológica, o sistema alimentar e os diferentes estados físicos e sociais humanos. O branco é associado a alguma forma de carência, a situações periféricas e à fertilidade; o negro, ao excesso, à animalidade e a um estado anti-social; por fim, o vermelho, ligado ao urucum, é associado à humanidade, ao social e à moderação desejada na vida cotidiana. A pintura de urucum seria suspensa apenas em estados liminares como luto, nascimento, doenças e viagens; e aplicada no encerramento de etapas festivas, na conclusão da iniciação dos jovens etc. Ainda segundo a autora, os cativos de guerra, de preferência mulheres e crianças, seriam submetidos a um longo processo de incorporação social, *tëpamnephe*^(wa), semelhante ao de animais silvestres tomados para criação, e do qual fazia parte a aplicação diária de uma mistura de urucum com plantas medicinais (idem:359-361). Em todos esses casos, a pintura de urucum promovia e marcava a incorporação do Outro à sociedade, seja ele o jovem iniciado à vida adulta, o convidado que vem à aldeia para dançar, os animais capturados para criação, os antigos cativos de guerra e, como se verá adiante, os bens industrializados adquiridos.

No que diz respeito às narrativas sobre a pacificação de outros povos, atenta-se para o importante papel atribuído às trocas, presentes e gentilezas, ofertados e recebidos, não só como canal para o estabelecimento de relações com diferentes níveis de exterioridade, mas, sobretudo, como um ato definidor da condição humana plenamente socializada. Trocar é um ato civilizador. Todavia, não se trata de qualquer troca, mas daquela praticada conforme o modelo das parcerias *pãna*^(ap)/*pawana*^(wy).

Pois bem, considerando tais concepções, valores e práticas associados às parcerias de troca guianenses, pode-se afirmar que seu protótipo e sua versão mais acabada corresponde justamente àquelas transações envolvendo animais de criação e/ou bens exógenos, como artigos industrializados. O intercâmbio de animais domésticos (como os cães fornecidos pelos Aparai e Wayana) por bens industrializados (as espingardas fornecidas por Tombai) fornece uma espécie de ‘meta-comentário’ sobre essas parcerias. Afinal, eles envolvem a pacificação não só dos protagonistas da transação, como das coisas intercambiadas, pois,— animais de criação e bens industrializados precisam ser devidamente domesticados (ver van Velthem, 2002).

Bibliografia

BARBOSA, Gabriel C.

2002. *Formas de Intercâmbio, Circulação de Bens e a (Re)Produção das Redes de Relações Aparai e Wayana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PPGAS/FFLCH/USP.

2005. “Das trocas de bens”. In: GALLOIS, D. (org.) *Redes de Sociabilidade nas Guianas*. São Paulo: Editora Humanitas/FAPESP. pp. 59-111.

COUDREAU, Henri

1893. *Chez nos Indiens: Quatre Années dans la Guyanne Française, 1887-1891*. Paris: Ed. Hachette.

CREVAUX, Jules

1987. *Le Mendiant de l’Eldorado. De Cayenne aux Andes 1876-1879*. Paris: D’ailleurs/Éditions Phébus.

GALLOIS, Dominique

1986. *Migração, Guerra e Comércio : Os Waiãpi na Guiana*. São Paulo: FFLCH/USP.

HOWARD, Catherine

1993. "Pawana: a farsa dos visitantes entre os Waiwai da Amazônia setentrional". In: CARNEIRO DA CUNHA, M. & VIVEIROS DE CASTRO, E. (org.) *Amazônia: Etnologia e História Indígena*. São Paulo: FAPESP/NHII-USP. pp. 229-264.

2001. *Wrought Identities: The Waiwai Expeditions in Search of The "Unseen Tribes" of Northern Amazonia*. Chicago.

2002. "A domesticação das mercadorias: Estratégias Waiwai". In: ALBERT, B. & RAMOS, A. R.(orgs.) *Pacificando o Branco*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado. pp. 25-60.

HURAUULT, Jean

1968. *Les Wayana de la Guyane Française. Structure Sociale et Coutume Familiale*. Paris: ORSTOM.

ROTH, Walter Edmund

1974. "Trade and Barter Among the Guiana Indians". In: LYON, P. (ed.) - *Native South Americans: Ethnology of the Last Known Continent*. Toronto: Waveland Press. pp. 159-165.

SCHOEPF, Daniel

1972. "Historique et situation actuelle des indiens Wayana-Aparai du Brésil". In: *Bulletin du Musée d'Ethnographie de Genève* n. 5:33-64. Genève.

TONY, Claude

1769. [1842] "Voyage fait dans l'intérieur de la Guyane chez les indiens Roucoyens par Claude Tony..., mulâtre libre d'Approuague". In: *Essais et Notices pour servir à l'Histoire Ancienne de l'Amérique*, par H. Ternaux-Compans. Tomo XXVIII.

VAN VELTHEM, Lúcia H.

1980. “O Parque Indígena do Tumucumaque”. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* série Antropologia 64:01-31. Belém. 1984. *A Pele de Tuluperê: Estudo dos Trançados Wayana-Aparai*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PPGAS/FFLCH/USP.

2002. “‘Feitos por inimigos’. Os brancos e seus bens nas representações Wayana do contato”. In: ALBERT, B. & RAMOS, A. R. (orgs.) *Pacificando o Branco*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado. pp. 61-83.

2003. *A Bela é a Fera. A Estética da Produção e da Predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio & Alvim/Museu Nacional de Etnologia.